

**RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA:
UMA PROPOSTA DE PARCERIA**
Relation school and family: a partnership proposal

Luciana Maria Caetano

Instituto de Psicologia / Universidade de São Paulo / USP

Resumo: Quando os professores relatam que o fato da “família não ir bem” influencia o desenvolvimento escolar dos alunos, estão certamente, imbuídos de razão. Porém, apenas diagnosticar as dificuldades dos pais, providenciará um maior afastamento da família, pois os professores é que são especialistas em educação. A construção da parceria enquanto uma relação de cooperação entre as instituições família e escola, implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas na troca de idéias ou favores, como aquela colaboração tão conhecida do pai que envia à escola uma contribuição mensal, e a prenda para a festa junina. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições. Reforça-se então, a necessidade dos educadores dispensarem alguns momentos da sua formação, para refletirem e reconstruírem essa relação.

Palavras- Chave: escola e família, reunião de pais, formação de professores

Resumen: Cuando los profesores relatan que la causa de “la familia no estar bien”, influencia el desarrollo de los alumnos en la escuela, están, sin duda, imbuídos de la razón. Pero solamente diagnosticar las dificultades de los padres, causa el mayor alejamiento de la familia, porque los especialistas en educación son los profesores. La interacción es unicamente la relación cooperación entre la familia y la escuela, lo que lleva a la implicación de uno ponerse en la situación del otro, y no tan solamente en el cambio de ideas o favores, como aquella muy conocida, del padre que lleva a la escuela una contribución mensual en dinero o la ayuda con comida en las festividades. Es el propósito que esa interacción se construya a través de una intervención planteada y que las personas tengan la conciencia de que la escuela puede crear espacio de reflexión y experiencia de vida en la comunidad educativa, haciendo que empiece a funcionar lo más importante que es la aproximación de las dos instituciones. Entonces, es muy grande la necesidad de que los educadores tengan momentos de reflexión y así que esa relación pueda ser reconstruida.

Palabras llave: escuela y familia, reunión con los padres, formación de los profesores

Introdução

A necessidade de se estudar a relação família e escola se sustenta e é reafirmada quando o professor se esmera por considerar o aluno, sem perder de vista a globalidade da pessoa, ou seja, compreendendo que quando se ingressa no sistema escolar, não se deixa de ser filho, irmão, amigo etc.

Segundo Paro (2000), pesquisador que realizou um estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos do ensino fundamental, o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, pois para ele, a escola não "assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares"(p.16). O autor se remete ao fato de que, a atual escola dos filhos, é bastante parecida com a escola que os pais freqüentaram, e por isso, estes últimos não deveriam sentir-se tão distanciados do sistema educacional, e também o professor, embora admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la. Nas palavras de Paro; "parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação" (p.68).

Infelizmente, as pesquisas que relacionam as instituições escola e família são de número bastante reduzido, comparando-se à proporcionalidade deste número, a importância essencial dessa relação para o desempenho escolar das crianças.

Refletindo sobre a relação escola-família

O Livro "Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares", organizado por Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago, relata um conjunto de pesquisas, cujos resultados, são imprescindíveis aos educadores, na medida que oferecem aspectos para reflexão e análise sobre o funcionamento do sistema escolar, privilegiando o ponto de vista da sua abordagem intrincada com a família, até então, embutida geralmente na comunidade. Tais pesquisas apresentam alguns pontos comuns; entre eles a "ausência de uma tradição de estudos sobre as relações que as famílias mantêm com a escolaridade dos filhos" (2000, p.9) e o "...relativo consenso, entre os autores, de que se trata de uma relação complexa e, por vezes, assimétrica, no que diz respeito aos valores e objetivos entre essas duas instituições...".

Os textos da publicação citada anteriormente, também salientam como a pesquisa de Paro (2000), o importante papel da família no desempenho escolar dos filhos, e ainda concluem que há uma relação interdependente entre as condições

sociais da origem das famílias e a maneira que se relacionam com as escolas, além do fato de que, transformações visíveis pelas quais passam ultimamente, tanto as escolas quanto às famílias, naquilo que diz respeito às suas estruturas e dinâmicas internas, são reveladores de uma tendência crescente de conexão entre os territórios: família e escola. (Nogueira, Romanelli, e Zago, 2000, p.11).

Portanto, tais pesquisas vêm, primeiramente, oferecer contribuições imprescindíveis para o repensar desta complexa relação, mas elas também reafirmam com dados semelhantes, uma conclusão de senso-comum, colhida dos discursos da grande maioria dos professores, sejam da educação infantil, do ensino fundamental, ou do ensino médio: o fato da família não ir bem, influencia negativamente o desenvolvimento escolar dos filhos. Tais constatações se explicitam em verbalizações como: “os pais dos alunos com dificuldades de aprendizagens, são exatamente aqueles que não comparecem às reuniões”; “eu sei que as reuniões de pais nem sempre são agradáveis, mas temos que lhes contar a realidade sobre seus filhos”; “como o aluno pode ir bem na escola, se seu pai bebe, se sua mãe o abandonou?”; “eu mando lições, e pesquisas para casa, e o menino vem me dizendo que seu pai ou mãe não teve tempo de ajudá-lo”.¹

Mas e quanto aos pais, quais seriam os seus pensamentos? Caso as perguntas acima anotadas, fossem a eles dirigidas, como as responderiam? Em sua pesquisa, Sá (2001) aponta a existência de uma “duplicidade discursiva”, a família demonstra que possui preocupação e desejo de envolver-se com os assuntos escolares; por outro lado, os discursos dos educadores demonstram o interesse na participação dos pais em situações que acontecem fora dos muros da escola, como o auxílio nas tarefas de casa. Temerosos de que estes últimos, ao obterem uma ampliação de poder frente à gestão escolar, terminem por invadir áreas que segundo eles não lhes pertencem como por exemplo: avaliação dos professores, definição de calendário e currículos escolares, entre outros, os professores acabam ofertando possibilidades de participações restritivas, ou exigem um conhecimento que os pais não possuem, acabando por afastar a família que, nas palavras do autor “...ao recusarem as ofertas participativas que lhe são proporcionadas, arriscam-se a ser etiquetados como pais negligentes, inaptos e irresponsáveis, a quem pode

1- tais depoimentos de professoras, são alguns, dentre tantos outros colhidos em momentos de diagnóstico e reuniões de formação, dos trabalhos de assessoria pedagógica que desenvolvemos.

facilmente ser imputada a culpa pelos eventuais insucessos dos seus educandos.” (p.97).

A pesquisa de Paro (2000), se remete a resultados bem parecidos, quando analisa o discurso dos professores e dos pais, principalmente naquilo que se refere à continuidade e descontinuidade da educação. O autor afirma que os professores pretendem que a família dê continuidade à educação oferecida na escola, principalmente auxiliando as crianças nos deveres escolares, o que ele denomina como “uma continuidade de mão única”, enquanto os pais, embora cheguem a conceber a escola como ‘segunda família’, vivenciam “a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola...” (p.33).

A dificuldade, entretanto, da efetiva construção dessa relação, de uma maneira que proporcione condições de igualdade na relação das duas instituições, isto é, estabelecendo-se uma parceria, onde a participação dos pais seja real, diferente daquela participação, onde enviam uma contribuição mensal, onde colaboram comprando rifas, ou vêm à escola para ouvirem a professora contar das inúmeras dificuldades dos filhos, é um dado presente na maioria das pesquisas: que relatam o paralelismo entre as duas instituições, rompidos por raros e frágeis pontos de intersecção.

Segundo Paro (2000), podemos dizer que, além de problemas como professores mal formados e outros, a escola tem falhado também e principalmente “porque que não tem dado a devida importância ao que acontece fora e antes dela, com seus educandos.” (p.15). E como ponto de partida para a busca de uma solução para tal realidade, articula sua pesquisa, “...com a preocupação de estudar formas organizacionais mais adequadas de integração dos pais a propósitos escolares de melhoria de ensino...” (2000, p.15).

Obviamente, as reuniões de pais, são os momentos mais representativos destas intersecções entre família e escola. Lino de Macedo (1996), relata alguns dos muitos sentimentos que permeiam tal relação, quando escreve a apresentação do livro “Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?”, obra através da qual as autoras apresentam propostas para a elaboração de reuniões que conduzam a um esforço comum e recíproco entre pais e professores, para promoverem o desenvolvimento das crianças.

Esta é uma relação permeada pelos mais diversos fatores: o sofrimento dos pais por afastarem seus filhos de si mesmos; os desejos de que a escola lhes ofereça o melhor, em todos os aspectos; a necessidade da garantia dos melhores cuidados para com as crianças; os ciúmes que sentem os pais ao dividirem os filhos com os professores; o medo do fracasso escolar; as projeções dos próprios fracassos compensados através dos filhos; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as superexigências dos pais; as atitudes de aceitação ou não dos filhos; as questões de rejeição ou negligência; as dificuldades pessoais dos pais; o contexto sócio-econômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou o autoritarismo; as relações de amor e hostilidade; a violência contra os filhos, ou entre familiares; as atitudes, padrões e valores morais da família; o relacionamento entre casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar. (Macedo, 1996, p.12).

Apesar da incompleta enumeração dos aspectos preponderantes na relação família escola, aspectos estes como se nota, principalmente de ordem afetiva e moral, vê-se que a tarefa de se construir uma parceria entre tais instituições se faz mister, uma vez que a escola não sustenta ou talvez jamais tenha sustentado a posição de substituta da família na função educadora, tão pouco, lhe caberá assumir uma postura de resistência e rivalidade, baseada em uma aproximação unilateral, que venha a submeter a família, a partir da exagerada consideração de uma possível ignorância e incapacidade desta última para educar e socializar.

Na verdade esta hegemonia da instituição escolar sobre a familiar, naquilo que concerne à formação e ou competência similar é irreal, pois o desenvolvimento do aluno depende entre tantos fatores, mas especialmente da boa solução desses aspectos apontados anteriormente. Entretanto o que se observa é exatamente a falta de iniciativa dos professores:

“Quanto à falta de um necessário conhecimento e habilidade dos pais para incentivarem e influenciarem positivamente os filhos a respeito de bons hábitos de estudo e valorização do saber, o que se constata é que os professores, por si, não têm a iniciativa de um trabalho a esse respeito junto aos pais e mães. Mesmo aqueles que mais enfaticamente afirmam constatar um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se mostram omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia considerar propício para isso” . (Paro, 2000, p.65)

A escola portanto também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervir no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

Refletindo sobre a construção de uma parceria baseada na cooperação:

A necessidade de se construir uma relação de intervenção na própria instituição escola, e buscar uma proposta de aproximação dela com a família, para "... planejar e estabelecer compromissos e acordos mínimos, que levem ao fim do bloqueio criado nesta situação" (Bassedas, 1996, p.35) se refere à construção de uma parceria que possa substanciar o papel da família no desempenho escolar dos filhos e o papel da escola na construção de personalidades autônomas moralmente e intelectualmente falando. Conforme Macedo (1996), "a determinação conjunta em oferecer uma experiência construtiva, que torne a criança melhor, tanto em relação aos conhecimentos escolares, quanto aos valores e princípios que nortearão a sua conduta..." (p.13).

Quanto à parceria, precisa ser entendida enquanto uma relação de cooperação, e quando se fala em cooperação, o conceito de Piaget expresso pelas palavras de Menin (1996): "Cooperação para Piaget, é operar com... é estabelecer trocas equilibradas com os outros, sejam estas trocas referentes a favores, informações materiais, influências etc" (p.52) é o mais apropriado.

Conforme o sentido piagetiano, a relação escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de pais e professores, para que os pais garantam as possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. Tal parceria implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas enquanto troca de favores,

mas “... a cooperação, em seu sentido mais prodigioso: o de supor afetos, permitir as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança”. (Tognetta, 2002)

Segundo o próprio Piaget:

“Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades...”
(1972/2000, p.50)

Pensar neste tipo de parceria requer então aos professores inicialmente uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em temas teóricos e abstratos, reuniões para chamar a atenção dos pais sobre a lista de problemas dos filhos, sobre suas péssimas notas, reuniões muito extensas, sem planejamento adequado, onde só o professor pode falar, não têm proporcionado sequer a abertura para o início de uma proposta de parceria, pois os pais faltam às reuniões, conversam paralelamente, parecem de fato não se interessarem pela vida escolar das crianças. No entanto não basta legitimar a situação com queixas e lamentações. Verdadeiramente, as famílias não se encontram preparadas sequer para enfrentar, quanto mais para solucionar os problemas que os educadores de seus filhos lhes entregam e ou transferem nas reuniões de pais, e outros poucos momentos em que se encontram os protagonistas desta relação.

Portanto a construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação, não entendem de psicologia, desconhecem a didática, a sociologia, enfim, os resultados desta postura já se conhece muito bem: o afastamento da família.

Considerações finais

O objetivo mais relevante desta proposta é conscientizar a escola do papel que possui na construção dessa parceria: a intervenção pedagógica a estas questões, deve ser no sentido de considerar a necessidade da família vivenciar reflexões que lhes possibilitem a reconstrução da auto-estima, afim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados, pela instituição escola, além de que esta última possa fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. Pois, "... se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem, o direito de serem senão educados, ao menos informados e mesmo formados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos". (Piaget, 1972/2000, p.50)

BIBLIOGRAFIA

ALTHUON, B.; ESSLE, C.; STOEBER, I. S. *Reunião de Pais: sofrimento ou prazer?*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1996.

BASSEDAS, E., et.al. *Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

MACEDO, L. *Apresentação* In: ALTHUON, B.; ESSLE, C.; STOEBER, I. S. *Reunião de Pais: sofrimento ou prazer?*. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1996

Menin, M. S.S. *Desenvolvimento Moral: Refletindo com pais e professores*. In Lino de Macedo (org.). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, L. de C. F. *Escola e família numa rede de (des) encontros: um estudo das representações de pais e professores*. São Paulo, SP: Ed e Livraria Universitária, 2002.

PARO, V. H. *Qualidade do ensino: A contribuição dos pais*. São Paulo: Xamã, 2000

PIAGET, J. *Para onde vai a educação*. José Olympio ed. 15ª edição. Rio de Janeiro, 1972/2000.

TOGNHETTA, L. R. P. *A construção da solidariedade: a educação do sentimento na escola*. Campinas, SP: Editora Mercado de Letras/ FAPESP, 2002.

SÁ, V. *“A (Não) Participação dos Pais não Escola: a eloquência das ausências.* In: Veiga, I. P. A.; Fonseca, M. (orgs). *Dimensões do Projeto Político Pedagógico.* Campinas. Ed. Papirus, 2001.

A autora:

Luciana Maria Caetano é mestranda na área de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, pela USP, pós-graduada em Psicopedagogia, e graduada em Tecnologia Têxtil e Pedagogia.

Professora universitária, ministra a disciplina Teoria e Prática da Alfabetização, para o curso de Pedagogia, e a disciplina Psicologia da Educação, para o curso de Letras, na faculdade de Americana. Realiza trabalhos direcionados à formação de professores, ministrando cursos, oficinas e palestras a respeito de temas como: a relação família e escola e o desenvolvimento psicológico da moralidade infantil e também trabalha com assessorias pedagógica de instituições que cuidam de Educação Infantil e Educação Fundamental. Endereço eletrônico: lmc@dglnet.com.br.